

Se o silêncio é assim tão profundo, tão pacificador e tão transformador, talvez se compreenda por que razão o Ocidente está, habitualmente, cheio de ruídos.



o silêncio como princípio da sabedoria

PITÁGORAS DIZIA QUE O SILÊNCIO É O PRINCÍPIO DA SABEDORIA. Gandhi confirmava, afirmando que a sua maior arma era o silêncio. E Benedetti assumia haver poucas coisas mais ensurdecedoras do que o silêncio. Que é, realmente, o silêncio, algo de que tantos fogem, mas de que tantos outros acabam por ficar cativos? Que buscam as pessoas quando o procuram, e que encontram elas para nele permanecerem? Por que é que há quem, entre a busca e o encontro, verifique ter havido uma mudança na sua vida, a ponto de, no final, se sentir uma pessoa mais desperta, consciente, contemplativa, aberta, livre, plena...? É curioso verificar que quem encontra o silêncio, acaba por permanecer nele para sempre; e quem, buscando-o, o não encontra, no fundo acaba por nunca ter sossego pois fica cativado... Hemingway dizia que o ser humano precisa de dois anos para aprender a falar e de sessenta para aprender a calar. Será que o silêncio é fundamental na nossa vida e nós não lhe prestamos atenção?

Se o silêncio é assim tão profundo, tão pacificador e tão transformador, talvez se compreenda por que razão o Ocidente está, habitualmente, cheio de ruídos. Será que pretendem que não sejamos profundos, pacíficos e transformadores? Quantos olhares falam mais do que mil palavras? Quantos gestos dizem mais do que grandes discursos? Quantas vezes, calando, dizemos muito mais do que falando? O silêncio é um tesouro da vida natural e, em especial, da vida humana. O silêncio, é, acima de tudo, um grande mistério que nos introduz à mística, ambas palavras da mesma raiz. Místico não é só quem encontra e permanece nas profundezas místicas, mas também quem anda em busca de algo, e, no seu processo interior, se acerca do mistério. Guardar silêncio é um convite a percorrer este caminho, a ultrapassar este marco e a caminhar para uma meta desconhecida. Curiosamente, todas as religiões fomentam e praticam o silêncio. Todos os santos, as grandes referências, os grandes líderes da paz e do bem, passaram,

na sua vida, por prolongadas experiências de silêncio que os marcaram profundamente.

Além disso, o silêncio anda muito ligado ao deserto. No mundo judaico e, também, nos primeiros tempos do cristianismo, o deserto era o lugar de retiro e de reencontro com Deus. No norte de África frequentado pelo Islão, a vida e obra do cristão Charles de Foucauld, com a sua impressionante oração de abandono a toda a vontade divina, revela-nos uma trajetória de vida que surpreende pela determinação em seguir a intuição do silêncio, e é um primeiro passo para nos introduzir na vida do deserto tornada contemplação constante. O filme *Dos homens e dos deuses* que aborda a experiência traumática duns monges trapistas católicos, no norte da Argélia, que viviam em paz num período perturbado do mundo islâmico, período perturbado do mundo islâmico, é outra das experiências que nos convidam a captar como, do silêncio, podem surgir todas as conversações. Em terceiro lugar, ler e escutar Pablo d'Ors, em especial o seu best-seller *A biografia do silêncio*, constitui um privilégio que já fez com que muita gente tenha começado a pôr a hipótese de introduzir na sua vida experiências de silêncio, durante a semana ou mesmo por curtos períodos diários. D'Ors afirma que, num ano ou em menos ainda, em seis meses de experiência de silêncio, é possível apercebermo-nos de mudanças na nossa vida, que nos proporcionarão a plenitude que buscávamos e, segundo o autor, toda a gente tem direito e dignidade para a encontrar. Eis um grande projeto que surgiu recentemente, e que muito tem enriquecido as pessoas que nele participam: trata-se dos Amics del Desert (Amigos do Deserto) que tornam, hoje, realidade o que Pitágoras afirmou há dois mil e quinhentos anos: "O silêncio é o princípio da sabedoria".

Xavier Garí de Barbarà.

<http://blog.cristianismeijusticia.net/author/xgaribarbara> (27/02/2018)

Com o papa Francisco termina a Igreja só ocidental e começa a Igreja universal

Passaram já cinco anos do papado de Francisco, bispo de Roma e papa da Igreja universal. Fizeram muitos balanços minuciosos e brilhantes sobre esta nova primavera que irrompeu na Igreja. Da minha parte enfatizo, apenas, alguns pontos que interessam à nossa realidade.

O primeiro deles é a revolução feita na figura do papado, vivida em pessoa por ele mesmo. Francisco já não é o papa imperial com todos os símbolos, herdados dos imperadores romanos. Apresenta-se como uma simples pessoa, como quem vem do povo. A sua primeira palavra de saudação ao dirigir-se aos fiéis foi "buona sera": boa noite. Em seguida, apresentou-se como bispo de Roma, chamado a dirigir no amor a Igreja que está no mundo inteiro. Antes de ele próprio dar a bênção oficial, pediu que o povo o abençoasse. E foi morar não num palácio – o que teria feito chorar Francisco de Assis – mas numa casa de hóspedes. E come junto deles.

O segundo ponto importante é o anúncio do evangelho como alegria, como superabundância de sentido de viver, e não tanto como um repositório de doutrinas do catecismo. Não se trata de levar Cristo ao mundo secularizado. Mas de descobrir a sua presença nele, através da sede de espiritualidade que se nota por toda a parte.

O terceiro ponto é colocar no centro da sua atividade três polos: o encontro com o Cristo vivo, o amor apaixonado pelos pobres e o cuidado da Mãe Terra. O centro é Cristo e não o papa. O encontro vivo com Cristo tem o primado sobre a doutrina.

Em vez da lei, anuncia, incessantemente, a misericórdia e a revolução da ternura, como se expressou ao falar aos bispos brasileiros, aquando da sua viagem ao nosso país.

O amor aos pobres ficou bem expresso na sua primeira intervenção oficial: "como gostaria que a Igreja fosse a Igreja dos pobres". Foi ao encontro dos refugiados que chegavam à ilha de Lampedusa no sul da Itália. Aí proferiu palavras duras contra certo tipo de civilização moderna, que perdeu o sentido da solidariedade, e já não sabe chorar sobre o sofrimento dos seus semelhantes.

Suscitou o alarme ecológico com a sua encíclica *Laudato si'* sobre o cuidado da Casa Comum (2015), dirigida a toda a humanidade. Mostra clara consciência dos riscos que o sistema-vida e o sistema-Terra correm. Por isso, expande o discurso ecológico para além do ambientalismo. Diz, enfaticamente, que devemos fazer uma revolução ecológica global (n. 5). A ecologia é integral e não apenas verde, pois inclui a sociedade, a política, a cultura, a educação, a vida quotidiana e a espiritualidade. Une o grito dos pobres com o grito da Terra (n. 49). Convida-nos a sentir como nossa a dor da natureza, pois todos estamos interligados e envolvidos numa teia de relações. Convoca-nos a "alimentar uma paixão pelo cuidado do mundo... uma mística que nos anima, nos impele, motiva e encoraja e dá sentido à ação pessoal e comunitária" (n. 216).

O quarto ponto significativo foi apresentar a Igreja não como um castelo fechado e cercado de inimigos, mas como um hospital de campanha que a todos acolhe sem olhar para diferenças de classe, de cor ou de religião. É uma Igreja em permanente

saída para os outros, especialmente para as periferias existenciais que grassam no mundo inteiro. Ela deve servir de alento, infundir esperança e revelar um Cristo que veio para nos ensinar a viver como irmãos e irmãs, no amor, na igualdade, na justiça, abertos ao Pai que tem características de Mãe de misericórdia e de bondade.

Por fim, mostra clara consciência de que o evangelho se opõe às potências deste mundo que acumulam absurdamente, deixando na miséria grande parte da humanidade. Vivemos sob um sistema que coloca o dinheiro no centro e que é assassino dos pobres, e um depredador dos bens e serviço da natureza. Contra esses tem ele as mais duras palavras.

Dialoga com todas as tradições religiosas e espirituais. No lava-pés de Quinta-Feira Santa, estava presente uma menina muçulmana. Quer as Igrejas, com as suas diferenças, unidas no serviço ao mundo, especialmente aos mais desamparados. É um verdadeiro ecumenismo de missão.

Com este papa que nos “vem do fim do mundo”, encerra-se uma Igreja só ocidental e começa uma Igreja universal, adequada à fase planetária da humanidade, chamada a encarnar-se nas várias culturas, e a construir aí um novo rosto, a partir da riqueza inesgotável do evangelho.

LEONARDO BOFF é teólogo, filósofo e escreveu *Francisco de Assis-Francisco de Roma, a irrupção da primavera*, Mar de Ideias, Rio 2013.

Hans Küng: noventa anos de teologia



HANS KÜNG “reconhece os problemas, expõe-nos com uma extraordinária clareza, retira sem medo as consequências, e indica onde se abrem os caminhos do futuro”, escreve ANDRÉS TORRES QUEIRUGA, teólogo espanhol, em artigo publicado por *Settimana News*, 22-03-2018.

“A sua obra representa noventa anos dum ingente esforço teológico que poucos problemas deixa de fora, dedicado à busca de uma Igreja incarnada e de um cristianismo atualizado”, diz o teólogo.

HANS KÜNG não se destaca pela energia criativa de um Karl Rahner, mas é um lúcido diagnosticador, quando se trata de analisar a situação e as necessidades da teologia ao longo dos tempos. Reconhece os problemas, expõe-nos com uma extraordinária clareza, retira sem medo as consequências, e indica onde se abrem os caminhos do futuro. Os seus livros respiram atualidade nas questões, e sinceridade na hora de reconhecer a necessidade de as abordar. Não esconde onde pensa estar a solução e expõe-na sem rodeios, mesmo quando nem sempre dispõe de tempo suficiente para ir até ao fim na fundamentação, ou para assinalar com cuidado os argumentos em apoio da continuidade. Porque nenhum teólogo pode abarcar tudo, e talvez não seja esse o seu papel ou, como se diz no jargão especializado, o seu carisma.

No entanto, os seus livros falam ao nosso tempo com uma eficácia única, e são compreendidos por milhares de leitores em todo o mundo. São livros, na verdade, teologicamente atuais, que resistem ao teste do tempo com um frescor extraordinário. Peguemos por exemplo, em *Ser Cristão*: escrito em 1974, há mais de quarenta anos, verificamos que continua a falar-nos como no primeiro dia. Nele constam os problemas que continuam a ser os nossos, enunciados sem rodeios e enfrentados com corajosa sinceridade, às vezes, um pouco desafiante até, e outras, provavelmente, um pouco precipitada. Mas, durante a sua leitura, respira-se teologia viva, capaz de alimentar uma compreensão crítica da fé na nossa cultura.

A sua obra representa noventa anos de um ingente esforço teológico que poucos problemas deixa de fora, dedicado à busca de uma Igreja encarnada e de um cristianismo atualizado. Rebelde, mas definitivamente fiel. Sem ceder à tentação de abandonar a Igreja, apesar das duras exclusões, sem cair nas banalidades de um pluralismo magmático, ou de um espiritualismo sem carne de revelação, e sem entoar uma cantilena pela suposta morte de Deus (ou do teísmo caricaturizado). Teólogo humano, com alguns traços demasiado humanos (quem está isento deles?); mas teólogo de corpo inteiro.

Em 1995, por ocasião da celebração dos quinhentos anos da Universidade de Santiago de Compostela, tive a honra de apresentar Hans Küng na sua solene conferência de convidado. Naquela ocasião, referindo-me à sua inestimável contribuição para uma teologia que quer manter um diálogo sério e credível com o mundo, eu disse palavras que gostaria de repetir aqui:

“Nesse diálogo, qualquer esforço será insuficiente para mostrar e demonstrar que não há reservas ou manipulações ‘clericais’ na busca comum da verdade; que o teólogo goza da mesma liberdade e pode ter a mesma paixão pela verdade que o filósofo ou o cientista; que busca o bem do homem e não a submissão; que busca o Reino e não, apenas, a Igreja”.

Continua a parecer-me uma boa evocação da sua figura, empenhada em buscar dignidade para a teologia e credibilidade para a fé.

Crentes e não crentes celebram os noventa anos de HANS KÜNG, gigante da teologia pós-conciliar

Completo noventa anos, no dia 19 de março, um dos maiores teólogos do século XX, aquele que certamente suscitou o mais intenso (e fecundo) debate na Igreja, desde o pós-Concílio: trata-se de HANS KÜNG (nascido em Sursee, na Suíça, em 19 de março de 1928), padre, teólogo, professor universitário, forçado, desde dezembro de 1979, a abandonar o ensino na Faculdade de Teologia de Tübingen, por causa das suas teses contra a infalibilidade papal.

A reportagem é de VALERIO GIGANTE, publicada por *Adista*, 10-03-2018.

A revogação da *missio canonica*, isto é, da autorização para ensinar nas universidades católicas, foi um dos primeiros atos do pontificado de João Paulo II. Certamente, não se pode atribuir toda a responsabilidade daquela sanção a Wojtyła. O processo canónico contra Küng havia começado na fase posterior à publicação (1970) do seu livro “Infalível? Uma pergunta”, que ocorreu sob o pontificado de Paulo VI.

Mas o facto de o ato final ter sido assinado e endossado por João Paulo II, deixava claro para alguns, já então, qual seria os traços distintivos dos anos vindouros, ou seja, a restauração vaticanocêntrica de todos os aspetos teológicos, e a centralização do governo da Igreja que, sob os pontificados de Wojtyła antes, e de Ratzinger depois, seriam plenamente realizadas.

É igualmente significativo que, entre as primeiras vítimas deste processo involutivo do Concílio estivesse, precisamente, Küng que tinha participado tão intensamente no clima cultural e eclesial que se seguiu à viragem do Vaticano II, e que era considerado um dos teólogos de ponta daquela temporada de renovação.

Após os estudos de nível médio em Lucerna, Küng foi para Roma estudar filosofia e teologia na Pontifícia Universidade Gregoriana. Ordenado padre em 1954, continuou os seus estudos em Paris, obtendo um doutoramento em teologia no Institut Catholique, com uma tese sobre a doutrina da justificação do teólogo reformado Karl Barth. Depois, com apenas trinta e dois anos de idade, em 1960, foi nomeado professor titular da Faculdade de Teologia Católica da Universidade de Tübingen, na Alemanha, onde mais tarde fundaria, também, o Instituto para a Pesquisa Ecuménica.

Até que, em 1962, chegou o momento da abertura do Concílio, no qual Küng, muito jovem, participou diretamente, integrado no grupo de peritos nomeados pelo papa João XXIII. De volta a Tübingen, convidou a universidade a contratar Joseph Ratzinger, a quem conhecia no fim dos anos cinquenta, e que reencontrou em Roma durante os trabalhos da última sessão do Concílio. Küng queria que os seus alunos ouvissem as lições de um professor culto e de tendência conciliar, embora distante dele em várias questões.

Como outro teólogo, professor em Tübingen de Teologia Fundamental, Max Seckler, explicou a Gianni Valente (revista *30 Giorni*, maio de 2005), “Küng sabia que ele e Ratzinger pensavam de maneira diferente sobre muitas coisas, mas dizia: com os melhores, pode-se tratar e colaborar, são os mesquinhos que criam problemas”.

Ratzinger, que era professor de Teologia Dogmática em Münster, foi, então, contratado para Tübingen. Mas a cooperação entre ele e Küng terminou, abruptamente, em 1969. De facto, Ratzinger trocou a prestigiosa faculdade teológica de Baden-Württemberg, abalada pelos movimentos estudantis, pela faculdade mais tranquila de Regensburg.

O segundo volume das suas memórias *Umstrittene Wahrheit. Erinnerungen* (Verdades controversas. Recordações), que começa em 1968, contém um verdadeiro ato de acusação contra o futuro Papa Bento XVI: “Ratzinger era professor de teologia comigo – escreve Küng –, mas depois revelou ser filho de um agente da polícia, como de facto era. Curvou-se perante a Cúria, denunciou-me como ‘não católico’, e fez com que eu fosse condenado. E isto tudo fazendo jogo duplo: escrevia-me cartas de reconciliação e, entretanto, preparava sanções contra mim”.

Após a revogação da *missio canonica* (mesmo assim, ele continuaria a ser padre católico, e a reger, também, uma cátedra no seu Instituto, embora desligado da faculdade de teologia católica), Küng tornou-se um dos mais lúcidos e coerentes críticos do pontificado de João Paulo II e do papel desempenhado, naquele papado, pelo seu ex-colega Ratzinger que, a partir de 1981, se tornara prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé.

Foi, precisamente, deste dicastério que havia afastado Küng do ensino que partiram as condenações, as censuras, as remoções que atingiram a parte mais madura e avançada do mundo teológico e do episcopado progressista católico.

CLIMA DE SUSPEITA. E OS TEÓLOGOS CALADOS Depois da morte de João Paulo II, Küng escreveu um artigo, publicado na Alemanha e na Itália (*Corriere della Sera*, 02-01-2006), em que sublinhava as muitas e enormes contradições do pontificado que tinha chegado ao fim: “Assim como Pio XII mandou perseguir os mais importantes teólogos do seu tempo, do mesmo modo se comportaram João Paulo II e o seu Grande Inquisidor, Ratzinger, com Schillebeeckx, Balasuriya, Boff, Bulányi, Curran, Fox, Drewermann e, também, com o bispo de Evreux, Gaillot, e o arcebispo de Seattle, Hunthausen. Na vida pública, faltam hoje intelectuais e teólogos católicos da estatura da geração do Concílio. É este o resultado de um clima de suspeita, que pende sobre os pensadores críticos desse pontificado. Os bispos sentem-se governadores romanos, em vez de servidores do povo da Igreja. E muitos teólogos escrevem numa forma conformista ou, então, calam-se”.

“Quando chegar o momento – continuava o artigo – o novo papa deverá decidir por uma mudança de rota, e dar à Igreja a coragem de novas clivagens, recuperando o espírito de João XXIII e o impulso reformista do Concílio Vaticano II.”

MESA PARA DOIS Talvez Küng imaginasse que esse pontífice viria a ser, precisamente, o teólogo, seu ex-colega de Tübingen, que se tornou papa com o nome de Bento XVI, aquele Ratzinger que tinha inicialmente abraçado o Concílio, para depois mudar decisivamente de rumo. Muitos, ainda, puseram a hipótese duma possível reviravolta na relação entre os dois quando, em 24 de setembro de 2006, Küng aceitou o convite para jantar com Bento XVI, na residência de verão de Castel Gandolfo, tendo conversado com ele durante mais de duas horas.

Nessa altura, apresentou ao papa os resultados das suas pesquisas dos últimos anos, sobre uma ética mundial que servisse para as grandes religiões do mundo, referente ao diálogo entre fé e ciências (foi por essa razão que, a partir de 1933, Küng criou a Fundação Weltheos), obtendo uma impressão positiva da conversa com o papa. Mas não passou duma impressão.

De facto, os caminhos de ambos logo voltaram a divergir radicalmente. E, nos anos seguintes, Küng atribuiu a Ratzinger quase todas as acusações feitas ao seu antecessor: além da restauração do *status quo ante Concilium*, a rejeição das reformas, do diálogo intraeclesial, da liberdade de pesquisa teológica, da colegialidade, da abertura ecuménica (para Küng, a declaração *Dominus Iesus* de 2000, que reafirma a unicidade salvífica de Cristo e da Igreja, e o valor não salvífico das religiões não cristãs, trai o autêntico espírito do Concílio Vaticano II), do papel dos leigos e das mulheres na Igreja; mas também a multiplicação dos santos e dos beatos, como instrumento de governo da Igreja no mundo, os silêncios sobre a chaga da pedofilia na Igreja, a centralização de todo poder, a rigidez absoluta sobre as questões sexuais e sobre a bioética.

Foi, precisamente, sobre a bioética, em 2015, que ocorreu o último desafio de Küng ao magistério papal: o da eutanásia. No ensaio “Morrer felizes?”, o teólogo suíço reivindica a sua fé cristã e católica, reafirmando a sacralidade da pessoa e da vida; mas, precisamente à luz dessa fé e do respeito por todo o ser humano, defende, afincadamente, o direito de cada pessoa de “escolher com a minha responsabilidade quando e como morrer”. Tal atitude sobre o fim da vida “fundamenta-se, em última análise, na esperança de uma vida eterna”.

CARO FRANCISCO, FALEMOS DE INFALIBILIDADE Com o papa Francisco, as relações com a cúpula da Igreja estão, hoje, menos tensas, embora as posições ainda se mantenham afastadas. “Sem uma ‘re-visão’ construtiva do dogma da infalibilidade”, a renovação da Igreja não é possível”, escreveu o teólogo suíço em março de 2016, num apelo a Bergoglio, pedindo-lhe para possibilitar “uma discussão aberta e imparcial sobre a infalibilidade do papa e dos bispos”.

O mesmo Küng anunciou, algumas semanas depois, que recebera uma resposta de Francisco de teor privado que considerava muito positiva.